

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT04.007](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT04.007)

## DA DISTINÇÃO ENTRE SABER E APRENDER: POR UMA ÉTICA BUDISTA APLICADA À EDUCAÇÃO

Marcos Aurélio Dornelas

Pós-Doutor em Educação. Doutor e Mestre em Sociologia pela UFPE. Licenciado e Bacharel em História, madornelas@gmail.com.

### RESUMO

Para o senso comum, saber e aprender são tomados como sinônimos. Entretanto, saber é tomar conhecimento, aprender, segundo nos parece, é exatamente colocar em prática o que sabemos. Não ignoramos o grau de complexidade implicado no processo de transmutar conhecimentos teóricos em prática. Deste modo, aqui tratamos da questão a partir de um tripé de problemas que nos apoiou na construção de nosso argumento em favor de uma pedagogia fundada em valores budistas. Inicialmente refletimos sobre o que nos impede de praticar aquilo que sabemos. Afinal, somos seres ciosos de nossa racionalidade, a nomenclatura *homo sapiens* é bastante reveladora do grau de nossa pretensão nesse campo. Se assim somos, qual a barreira que se coloca entre saber e aprender? Outra questão de igual importância diz respeito a saber o que de fato é necessário aprender. Aqui partimos do pressuposto que há problemas que precisam ser resolvidos na forma como nos relacionamos enquanto sociedade e na forma como lidamos com o que chamamos de natureza. As desigualdades sociais e a degradação ambiental, acreditamos são frutos da forma como agimos sobre o mundo. E ainda, uma terceira preocupação elencada diz respeito à fonte de onde emana o saber que precisamos aprender, praticar. É justamente nesse ponto que aproximamos a discussão pedagógica da prática budista em termos de uma

visão particular do mundo e da nossa prática sobre ele. A revisão de literatura em pedagogia confirma a distinção entre saber e aprender, fundamentada no imperativo de que se de um lado saber significa compreender, aprender avança no sentido da análise e da aplicação de conhecimentos. Além disso, nossa reflexão nos leva a crer que os valores budistas podem ser importantes particularmente na sociedade que pretendemos construir, na qual importa praticarmos aquilo que já reconhecemos como necessário.

**Palavras-chave:** Aprender, Saber, Budismo, Educação.

## APRESENTAÇÃO

Há uma canção composta por Beto Guedes e Ronaldo Bastos responsável por colocar em poucas palavras algo de grande significado no que se refere aos processos educativos e mesmo no que diz respeito a vida em sociedade, trata-se de ‘Sol de Primavera’. O trecho mais famoso da canção nos lembra que “ a lição sabemos de cor, só nos resta aprender”.

Talvez soe estranho, afinal saber e aprender não são sinônimos? Nos parece que não, definitivamente não são sinônimos. Aprender, segundo nos parece, é exatamente por em prática o que sabemos. Não ignoramos o grau de complexidade implicado no processo de transmutar conhecimentos teóricos em prática, em vivência. Desde modo, aqui vamos tratar da questão a partir de um tripé de problemas que nos ajudarão a construir nosso argumento central em favor de uma pedagogia fundada em valores budistas.

Inicialmente é preciso refletir sobre o que nos impede de por em prática aquilo que sabemos. Afinal, somos seres ciosos de nossa racionalidade, a nomenclatura *homo sapiens* é bastante reveladora do grau de nossa pretensão nesse campo. Se assim somos, repito, qual a barreira que se coloca entre saber e aprender?

Outra questão de igual importância diz respeito a saber o que de fato é necessário aprender. Aqui partimos do pressuposto que há problemas que precisam ser resolvidos na forma como nos relacionamos enquanto sociedade e na forma como lidamos com o que chamamos de natureza. As desigualdades sociais e a degradação ambiental, acreditamos são fruto da forma como agimos sobre o mundo.

E ainda, uma terceira preocupação deve ser qual será a fonte de onde emana o saber que precisamos aprender, praticar. É justamente nesse ponto que aproximamos a discussão pedagógica da prática budista em termos de uma visão particular do mundo e da nossa prática sobre ele. Nosso trabalho está estruturado a partir dessas três questões geradoras que elencamos, cada uma delas será debatida a partir da pedagogia com um olhar sobre o budismo.

Contudo, antes de passarmos a debater as questões centrais de nosso texto, cumpre realizar uma apresentação ainda que breve e evidentemente parcial do Budismo a partir de algumas das

características que consideramos centrais ao menos para o nosso debate.

Aqui trataremos do budismo sem distinguir as diversas nuances que a doutrina assumiu a partir de seu espraiamento pelo oriente. Embora reconheçamos as distinções vamos procurar evidenciar o que de mais geral os ensinamentos podem nos trazer. Os exemplos e os autores trazidos ao debate representam o Zen budismo e o Budismo tibetano.

## UMA VISÃO SOBRE O BUDISMO

De uma maneira geral, o Budismo se apresenta como um meio para suplantar a perda do reconhecimento de nossa natureza búdica inata. Seu intento é libertar-nos da experiência cíclica de nascimento, crescimento, envelhecimento, doença e morte. É bastante interessante que no Oriente haja uma palavra para designar alegria e tristeza inseparáveis: duka. Duka é um dos fundamentos do budismo, sendo a primeira das nobres verdades. Mas interessante ainda é que não tenhamos nas línguas ocidentais um vocábulo que expresse o mesmo significado. As alegrias que experimentamos trazem consigo o prenúncio do sofrimento, como experiência cíclica, o medo da perda é constante. Assim, vivemos entre os polos entre sentir-se bem e do sentir-se mal.

Tal problema não se restringe às questões que caracterizamos como pessoas

*“os problemas ecológicos são exemplos de duka. Não desejamos destruir a natureza. Queremos apenas meios de transporte, adubo, plásticos, papel, refrigeradores. Mas isso gera problemas. Cada uma das ações humanas tem um objetivo, mas cada uma delas tem um resultado também.”(SAMTEN, 2001, p. 29)*

O Budismo não tem um sentido messiânico, o Buda não veio enunciar uma verdade, como acontece com o Cristo. Buda vem manifestar algo, a libertação a remoção do sofrimento originado pro duka. O budismo então eu uma função: nos libertar da experiência cíclica. O Buda é o guia nesse caminho, mas no Budismo não há uma bíblia, há ensinamentos professados pelos diversos Budas

que buscam superar duka. Após sua iluminação, o Buda Histórico transmitiu seus ensinamentos por mais de 40 anos. Com seu desaparecimento muitos seguidores escreveram e sistematizaram os relatos orais do Buda.

Conhecidas como as joias do Budismo, as três palavras que resumem o budismo, Buda, Darma e Sanga. Buda é a “natureza completamente liberta dos hábitos, dos condicionamentos grosseiros e sutis” (SAMTEN, 2001, p.32). Darma diz respeito aos ensinamentos que surgem na mente de um Buda para beneficiar os seres. A Sanga é a comunidade que surge em torno do Buda e de seus ensinamentos, parte-se do princípio de que é mais fácil seguir o caminho da libertação em grupo.

Todos os ensinamentos conectam-se à vida cotidiana por meio da motivação correta. Isto porque não adianta ter uma prática formal de meditação e amplo conhecimento dos ensinamentos se praticarmos maus pensamentos e más ações. A motivação correta é particularmente importante quando o correlacionamos com o fenômeno educativo. “a motivação correta – trazer benefícios aos outros seres – tem o poder de transformar ações aparentemente comum em prática espiritual (...) A prática no cotidiano é a base, a prática formal é um complemento que intensifica nossa qualidade de atenção” (SAMTEN, 2001, p.44).

Ensinar a motivação correta é parte das tarefas da educação no sentido budista. Se o que todos os seres querem é não sofrer e ter felicidade, como diz o Dalai Lama, atingir esse objetivo passa por levar mais felicidade e menos sofrimento ao outro, antes de tudo. E a escola pode ajudar na disseminação desse ideal.

O Budismo nos ensina sobre a impermanência e sobre o fato de que tudo que experienciamos é transitório. Tudo é instabilidade e transformação. A partir dos ensinamentos budistas aprender a olhar com a motivação correta para a impermanência.

A princípio isso pode parecer óbvio, mas não é bem assim. Caso examinemos nossas práticas perceberemos que nossa cultura está eivada de uma percepção estática da vida. Basta analisar, por exemplo, a forma como lidamos com a morte. No mais das vezes o assunto é um tabu, como algo que não deve ser mencionado, ao menos no mundo ocidental deste o advento da modernidade (ELIAS, 2001) quando na verdade faz parte da existência de todos

os seres em todas as sociedades que conhecemos. “Cada vez que tentamos estabilizar algo não estabilizável encontramos uma descontinuidade um pouco adiante (SAMTEN, 2001, p.95).

Outro característica de nossa sociedade que o Budismo pode ajudar a melhor compreender é o sentido de exterioridade da paz. Na perspectiva budista a paz é uma condição natural, não socialmente construída. Neste sentido não se conquista a paz. Não há uma condição externa que faça com que encontremos a paz.

Podemos sim perder a paz a partir da perturbação da experiência básica e primeira da paz. Uma vez perdida é preciso remover as perturbações. A paz não surge de um processo programático e analisável. O mesmo não ocorre com os fatores que a perturbam, esses sim, são identificáveis justamente porque são condições construídas. De modo que retornar a paz depende da remoção de obstáculos e não do acréscimo de qualquer coisa. Tudo o que precisamos já está conosco.

Talvez possa parecer então que a solução para superação de duka passe por um ascetismo que nos retire do mundo como o conhecemos numa atitude de negação. A sensação de paz que se sente, por exemplo, quando estamos em meditação, mas que não conseguimos levar para nossas relações sociais cotidianas. Tal problema é preciso que se diga, ocorre primeiro porque não estamos meditando da forma correta, na medida em que o objetivo da meditação é chegar a um equilíbrio que perdure para além da prática em si “a meditação imperfeita gera estabilidade a partir de estados mentais artificialmente produzidos, mas não há a verdadeira estabilidade natural e livre de qualquer construção. (SAMTEN, 2001, p.112)

Ainda assim, a meditação condicionada tem efeitos positivos pois oferece alguma autonomia na medida em que até então o praticante pensava que a felicidade e a sensação de paz surgia de situações externas, com a prática meditativa ele passa a perceber que não, que trata-se de uma condição interna.

“essa experiência, ainda que impura e imperfeita, produz um impulso importante para que o praticante aprofunde a compreensão de seu mundo interno (...) reconhece que o mundo interno e o mundo externo são efetivamente inseparáveis e que a compreensão

de um leva a direta compreensão do outro” (SAMTEN, 2001, p.112)

A partir daí, será possível ao praticamente melhor perceber sua condição natural de paz, de modo a melhor remover os obstáculos que o impede de vivenciar a paz de maneira plena.

Feita a apresentação do Budismo a partir de uma seleção de temas relacionados as questões que aqui debatemos, passamos a discussão das questões propostas com base nos problemas do processo de ensino e aprendizagem sob uma perspectiva budista.

## IDENTIFICANDO AS BARREIRAS

Na educação formal e tradicional, os professores ensinam, mas isso não significa que os estudantes irão aprender. Durante o processo de exposição do conhecimento numa aula tradicional, o estudante acessa o saber. O objetivo nesse formato educativo é alcançado por meio da memorização, comprovada através das avaliações periódicas. Aprender, como veremos, implica uma forma de ação diferenciada por parte do professor e também por parte dos estudantes.

Nas escolas tradicionais a fala do professor é um argumento de autoridade, o bom aluno nesse formato de educação é aquele que copia as informações passadas pelo professor, utilizando preferencialmente as mesmas palavras do docente durante os processos avaliativos. É preciso atentar, entretanto, que se somente o professor é a fonte de conhecimento, é ele fonte do saber, transmissor e garantidor da verdade, há um perigo real de que os estudantes tomem essa estrutura do outro como sua e como a única válida, sem fazer a tão necessária crítica e a verificação.

Proposta diametralmente oposta é aquela apresentada pelo Buda histórico, Siddhartha Gautama em alusão aos seus próprios ensinamentos. Buda foi questionado por um ouvinte sobre o que as pessoas deveriam fazer com aquele novo ensinamento que ele havia repassado, já que profetas novos apareciam o tempo todo. O Buda respondeu que a pessoa deveria testar o ensinamento na própria vida, caso fizesse sentido, deveria seguir, caso não, bastaria descartar o ensinamento.

Há aqui, portanto, um elemento não presente na escola tradicional: o caráter reflexivo daquele que recebe o conhecimento é uma pré-condição no ensinamento budista. Como já colocou Morin: “que toda percepção seja uma tradução reconstrutora (...) e que nenhum conhecimento possa dispensar interpretação”(MORIN, 2000, p.52)

Quando o praticante, adote ou não a nova verdade que recebeu a partir de então ele tem um saber. Ao verificar sua validade e caso venha a incorporar na sua vida cotidiana podemos dizer que a pessoa aprendeu, integrou à sua vida o novo conhecimento.

Essa perspectiva coaduna com o que Anastasiou (2015) coloca acerca do envolvimento dos sujeitos professores e estudantes no processo de ensino-aprendizagem, que a autora chama de processo de ensinagem, segundo o qual precisamos ter além do ‘o que’ e do ‘como’ típicos do saber, o momento do ‘pensar’, do refletir, no qual cada estudante reelabora as interações entre os conteúdos e entre este e seus conhecimentos prévios.

Outra semelhança entre parte da pedagogia e os ensinamentos budistas é a necessidade da mediação docente, ou no caso do budismo do mestre. A mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento, como coloca Vasconcellos (1994) é tarefa iniciada pelo docente que organiza e dirige as atividades e as ações e estratégias para construção do conhecimentos.

Se temos um conhecimento que basta que seja repassado, qualquer palestra, mesmo gravada, assistida em qualquer momento da vida seria suficiente. A escola com sua oportunidade de convivência pode fazer mais. Se a meta do professor ao ensinar for somente passar a informação, seu trabalho já está cumprido com uma mera aula expositiva.

Mas, se o objetivo é outro, é preciso mais que um genuíno compromisso a capacidade de aproximação e de pactuação com o estudante. Visto ser necessário que o estudante queira aprender e não apenas saber; entender e compreender é tarefa ativa. Nas palavras da Monja Coen (2011, p.6), missionária oficial da Tradição Sotoshu-Zen-Budismo no Brasil: “e o discípulo é o mestre do mestre, pois o ensina a ensinar. E o mestre é o discípulo do discípulo, pois aprende a compreender e orientar.”

Neste sentido, não basta assistir aula, como se o estudante estivesse frente a uma tela no cinema. Aula é para ser vivida e

enquanto tal, de modo não-passivo. Estudantes e professores fazem a aula, juntos. As estratégias para esse novo fazer começa com o professor em seu planejamento mas se concretiza junto aos estudantes. O motivar inicial é docente, tão logo envolvido, os estudantes se põe num processo de sinergia positiva. Para que além do 'o quê' e do 'como' o estudante acostume-se a refletir por si, reelaborando saberes e conteúdos. (ANASTASIOU, 2015)

No processo de aprendizagem implícito na obra 'A arte cavalheiresca do arqueiro zen', de Eugen Herrigel (2011) é possível observar o método da aprendizagem por imitação de um modelo. Ainda que houvesse também a repetição para se chegar ao bom uso do arco e flecha, o modelo a ser atingido era aquele realizado pelo mestre. Há ainda neste clássico que trouxe ao ocidente uma vivência e um relato de um ocidental em uma prática do zen budismo algo da descoberta de si e do caminho que o discípulo traça até a plena presença.

Há algo de descoberta (insights) pois do bom uso do instrumento depende o grau de elevação espiritual do aprendiz. A reflexão que no caso do arqueio zen tem como resultado uma práxis motora do uso do instrumento é uma reconstrução do objeto apreendido numa ação, não sendo mera abstração ou construção mental.

Neste caso, os conteúdos que são objeto da aprendizagem são procedimentais e atitudinais. Se reconhece os conteúdos atitudinais pois estamos diante de um conjunto de métodos e técnicas específicas que buscam desenvolver habilidades. Além do mais há exercícios para tornar consciente ( embora não reflexiva, no sentido do julgamento) a própria atividade. Formam-se conteúdos atitudinais pois há valores e atitudes que precisam ser interiorizados durante o processo.

Como Enunciado por Suzuki (2011, p.15), na introdução ao Livro Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen, a prática do arco não tem um fim prático " não tem como objetivo nem resultados práticos, nem o aprimoramento estético, mas exercitar a consciência, com a finalidade de fazê-la atingir a realidade última".

E lembra ainda o mestre: o que se pretende, "antes de tudo, é harmonizar o consciente com o inconsciente". Portanto, para ser um bom arqueiro ter a técnica não é suficiente. Assim, não basta saber, não basta demonstrar domínio sobre os conteúdos e práticas.

No Zen, o bom uso do arco é fruto de uma sabedoria transcendental, ou intuição prájnica, cuja propriedade principal é captar simultaneamente a totalidade e a individualidade de todas as coisas. Sem sair do cotidiano, é ao mesmo tempo não deixar cair na banalidade do cotidiano. Essa consciência do cotidiano, como colocado por Matso, citado por Suzuki(2011, p.17), “não é outra coisa senão ‘dormir quando se tem sono e comer quando se tem fome’”. Nesse sentido, a conceitualização, a reflexão e a deliberação são apelos do pensamento que precisam ser superados.

Cabe ainda observar que a rotina tem um papel importante no processo de aprendizagem conforme vemos em Herrigel (2011) a escolha de uma metodologia implica, conscientemente ou não, intencionalidades e estratégias de modo que o mestre consegue ao menos parcialmente antecipar os conhecimentos que se busca construir. Por isso, cabe ao professor planejar e conduzir o processo por meio do qual o estudante aprende a teoria e a prática objeto do conhecimento.

Assim, saber o que fundamenta o conhecimento que se está construindo é de fundamental importância. A filosofia budista, em seus fundamentos direcionam o acesso ao conhecimento com o faz qualquer princípio filosófico. Os fundamentos direcionam o conteúdo, interfere na organização e mesmo na forma de apropriação do conhecimento.

A lógica formal é a que fundamenta a perspectiva do ensinar. Ela opera por meio dos pressupostos de identificação e de negação, os conceitos por sua vez, são tidos como conteúdos mentais que precisam ser assimilados pelos alunos a partir de experiências tidas como concretas.

Na avaliação, o aluno demonstra que sabe o que o professor ensinar e o professor, por sua vez, ao verificar que o aluno é capaz de demonstrar por si o conteúdo solicitado dá por finalizada sua tarefa de ensinar e o processo reinicia com novos conteúdos. (ANASTASIOU, 2015)

É um processo pautado nos conceitos repassados pelos professores e memorizado pelos estudantes. A pergunta crucial que se coloca, entretanto, é se de fato o estudante aprendeu, transformou os conceitos em conhecimento aplicável à sua vida. Aquilo que Anastasiou (2015) chamou de ‘concreto pensado’.

## O QUE PRECISAMOS APRENDER

Ao lermos Herrigel (2011, p.67) quando coloca que “até onde o discípulo chegará é coisa que não preocupa o mestre. Ele apenas lhe ensina o caminho, deixando-o percorrê-lo por si mesmo, sem a companhia de ninguém”, é impossível não lembrar do pensamento de Edgar Morin, quando nos informa que o objetivo da didática é, ou ao menos deveria ser, que o aluno seja um autodidata (MORIN, 2000).

Em seu relato pessoal, Herrigel se preocupa em estar relaxado, para executar o disparo da flecha com o arco, mas exatamente a tensão de ‘precisar ficar relaxado’, adverte o mestre, lhe atrapa-lha. “Esse é o seu maior erro: o senhor se esforça, só pensa nisso. Concentre-se apenas na respiração, como se não tivesse de fazer mais nada” (HERRIGEL, 2011, p.43).

Justamente porque não é o discípulo que atira. Nas palavras do mestre: algo atira. Quando Herrigel questiona o que é este algo, a resposta do mestre é bastante reveladora do seu papel em relação ao aprendiz: “quando o senhor souber a resposta não precisará mais de mim. E se eu lhe der alguma pista, poupando-o da experiência pessoal, serei o pior dos mestres...” (HERRIGEL, 2011, p.79).

Neste sentido, a formação é tarefa conjunta do professor e do estudante e tem por princípio seguir o caminho deste último e não as necessidades de conformação e moldagem típicas dos currículos com habilidades e competências preestabelecidas, tão corriqueiros no século XXI. Ao concordar que o fim da didática é promover o autodidatismo não nos basta, enquanto professores transmitir o saber, mas sim “uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.” (MORIN, 2000, p.11).

Compreender nossa condição talvez seja a principal necessidade no mundo que temos. Implica saber que os problemas contemporâneos não são divisíveis, atingem a todos nós enquanto humanidade e por isso os problemas globais são cada vez mais essenciais. Em sua complexidade, as questões locais precisam ser posicionadas em seu contexto e pensadas a parte disso, mas esse contexto é cada vez mais tensionado por questões planetárias.

A educação compartimentada tem grande dificuldade de lidar com o mundo real nesses termos, justamente porque a escola é organizada desde a organização em disciplinas para isolar objetos e separar conhecimentos, assim compartimenta os problemas que na verdade precisam ser pensados de modo integrados. (MORIN, 2000)

Longe de resolver, aprofunda o problema, pois não se reduz o complexo a simples, não se separa o que está ligado e não se decompõe o que é composto sem prejuízo do entendimento. Vamos saber muito sobre um problema ao decompô-lo, mas perderemos capacidade de resolver o problema, pois deixaremos de prestar atenção a sua complexidade.

Desse modo retomamos nossa questão central: a distinção entre saber e aprender, pois típico da escola o acúmulo de informação, mas nos falta a capacidade de agregar esses saberes na forma de conhecimento.

Esse não é um problema somente técnico, ainda que a excessiva especialização traga problemas ao especialista que conhece muito bem o seu objeto de conhecimento mais é muitas vezes incapaz de lidar com as questões mais globais. É uma questão também importante em termos políticos, sociais e humanitários, na medida em que com a compartimentação o cidadão perde direito ao conhecimento.

Em nossa sociedade, caracterizada pela facilidade de acesso a informação pelas mais diversas mídias notadamente a internet, carecemos de capacidade de pensar os dados que temos acesso de uma forma mais global e complexa: "quanto mais técnica torna-se a política, mais regride a competência democrática."(MORIN, 2000, p.19)

Então vale mais uma cabeça bem feita que uma cabeça bem cheia, para citar a metáfora de Morin(2000). Esta última é aquela do acúmulo de informações, a segunda caracteriza-se por uma aptidão em propor e tratar problemas da vida real a partir de meios de organização quem permitam religar os saberes. Na educação tradicional, a da cabeça bem cheia, privilegia-se a separação e não a ligação, a análise e não a síntese.

A educação que busque o aprender precisa inverter essa lógica exatamente porque ainda está por se conhecer a condição

do humano em sua comunidade, na Terra e no universo. Este é um objeto das ciências humanas como a filosofia ou a literatura, mas também das ciências da natureza até a astronomia.

Não se trata, portanto, de derrubar os muros das disciplinas mas sim de pensar uma reforma do modo de organizar o conhecimento tomando como ponto de partida a premissa de que conhecer o humano não é separá-lo do contexto cósmico, mas sim perceber como nos situamos nele uma vez que em nós trazemos o mundo químico, físico, biológico, histórico-social e espiritual.

A princípio o que nos separa dos outros sencientes do planeta Terra é nossa cultura, consciência e pensamento. Assim sendo, somos naturais e supranaturais, não melhores mas certamente distintos dos outros seres, principalmente por nossa capacidade de aprender.

Nossa necessidade de operacionalizar o aprendizado da vida transcende as necessidades utilitárias e aquelas da manutenção biológica da vida, a busca da plenitude de si, da percepção clara da presença no aqui e agora e, portanto, a superação das delusões, num sentido budista, exige compreensão da condição humana e lucidez para mobilizar nossas capacidades inatas e aprendidas. E ainda, e talvez primordialmente nossa capacidade de aprender a aprender, como colocou Jacques Delors nos seus quatro pilares da educação. (DELORS, 1998)

## BUSCANDO AS FONTES DA SABEDORIA

O budismo pode contribuir para a consciência de nossa condição humana e para o aprendizado da vida. A principal das contribuições ainda que seja a maior é a mais óbvia: a meditação. Não nos cabe aqui tratar dos muitos benefícios para a saúde de tal prática apenas elencar que ela melhora a concentração, o sono, o humor e combate algumas doenças psicológicas<sup>1</sup>. A meditação, principalmente aquela conhecida como zazen, a indicada pelo mestre Dogen. Para ele, conhecer o Zen é praticar zazen, que significa simplesmente ‘apenas sentar-se’.

1 Consultar, por exemplo o site da CABSIN, para maiores informações. <https://cabsin.org.br/membros/2021/02/23/meditacao/>

Com a prática o principal benefício é se conhecer, dialogar com as incertezas que nos constitui e se ouvir sem julgamentos, treinando a compaixão. A meditação que num sentido espiritual nos aproxima da iluminação num sentido mais humano nos prepara para o inesperado, para a impermanência.

A educação no budismo está focada em recuperar a liberdade. Isto acontece por meio da superação dos três automatismos – automatismo cognitivo, automatismo emocional e automatismo cármico. Neste sentido, não se busca adaptar a um mundo preexistente, e que aparenta ser independente de nós.

É uma experiência do samsara que nos faz sentir que o mundo, mesmo quando nos acolhe, é separado de nós. “ Em vez de tentar nos adaptar a este mundo, tentamos nos libertar dos automatismos que produzem as experiências limitadas. Essa é a perspectiva mais profunda de educação no Budismo” (SAMTEN, 2001, p.74)

Os três automatismos correspondem a três níveis de apreensão da realidade. A educação formal escolar tradicional raramente chega ao segundo nível que é o emocional, de modo que acaba quase sempre por tratar aprendizado como uma questão meramente cognitiva. Pressa, portanto, ao primeiro nível, o automatismo cognitivo.

Quase sempre é o que aprendemos na escola: as respostas padrão, os automatismos para as questões cognitivas e, na melhor das hipóteses, em tendências pedagógicas mas progressistas temos acesso ao nível emocional, mas, ainda assim, pressa ao automatismo característico deste segundo nível de apreensão.

No Budismo aprendizagem implica um sentido mais amplo de transformação interior. Chegando ao terceiro nível cármico e buscando sua transcendência. É importante se libertar das operações mentais que nos mantêm atrelados aos automatismos porque são eles que alimentam as ‘realidades virtuais’ ou como chama o Lama Padma, as bolhas de realidade que nada mais são do que processos ilusórios da mente. Em termos didáticos, o Budismo irá trabalhar com ensinamentos focados nos elementos de condicionamento de cada nível e nos meios de superá-los.

No Brasil há algumas experiências de educação budista, vamos aqui descrever uma delas, a Escola Vila Verde, ligada a linhagem Ningma do Budismo tibetano. Faremos isso a partir do relato do

então diretor da escola, Fernando Leão, feito à Revista Bodisatva<sup>2</sup>. Segundo Leão, a escola tem o que ele chamou de ‘substrato ético’ fundado a sobre um tripé de fundo pedagógico: a pedagogia de Projetos, baseada em Jonh Dewey, a preocupação com as questões ambientais, a partir de Fritjof Capra e um olhar de cada um sobre si, fundado no ensinamento budista acerca das cinco sabedorias<sup>3</sup>.

Emanam das cinco sabedorias as cinco inteligências que servem de base ao trabalho pedagógico na unidade escolar. A inteligência do acolher, a inteligência de oferecer, a inteligência de estruturar, a inteligência da causalidade e a inteligência de liberar. Por meio delas busca-se ir além da empatia focada na convivência ou na tolerância em relação ao outro. Pauta-se na busca de verdadeiramente se observar na construção de relações empáticas em quatro níveis: consigo mesmo, com o outro, com a sociedade e com o planeta.

As inteligências são relacionais, na inteligência do acolher, também pensada como inteligência do espelho, busca-se ser exatamente como o espelho que acolhe sem julgar. Acolher é perceber quando interagimos que a pessoa a nossa frente tem uma história particular, referências e visão de mundo distintas da nossa e que suas ações fazem sentido em sua história de vida. É entender a criança ou o jovem estudante a partir do ponto de vista dele.

A inteligência do oferecer, ou da igualdade se expressa pela alegria de reconhecer a alegria e as conquistas dos estudantes. Isto ocorre quando, por exemplo, uma criança aprende suas primeiras palavras ou dá seus primeiros passos e somos capazes, enquanto educadores, de nos alegrarmos com essa conquista que é dela.

A Inteligência do estruturar decorre das duas primeiras pois diz respeito a capacidade professoral de criar condições para que os estudantes atinjam seus objetivos, o que só é possível se o compreendo e se estou atendo a suas necessidades.

---

2 O relato completo pode ser acessado em <https://bodisatva.com.br/as-cinco-inteligencias-na-educacao/>.

3 As cinco sabedorias são: sabedoria do espelho, relacionada ao acolhimento; sabedoria da igualdade, referente a generosidade; sabedoria discriminatória, concernente a compreensão da impermanência; e a sabedoria da causalidade, sobre a percepção da relação entre causa e efeito de nossas ações.

A inteligência da causalidade refere-se à capacidade de abordar e agir sobre as relações de um ponto de vista positivo quando somos confrontados por ações erradas dos outros. Uma ação errada, colocando de maneira simples seria aquela que gera algum tipo de sofrimentos em qualquer ou em vários dos quatro níveis ( consigo mesmo, com o outro, com a sociedade e com o planeta).

Num primeiro nível, atuar nesse sentido é buscar evitar que a ação errada se concretize, no segundo nível, quando a ação já tenha sido praticada, cabe evitar que aquele que praticou a ação obtenha algum ganho ou vantagem a partir do ato.

Por fim, a última das inteligências, diz respeito a ação de liberar o outro dos rótulos que tão comumente impomos. É não esperar que uma posição tomada seja imutável. E, nesse sentido, acabamos por nos reaproximar da primeira inteligência apresentada: a capacidade de acolher, perceber que as pessoas não 'são' de uma vez e para sempre. Uma criança não é desinteressada ou distraída, ela está se expressando naquele momento desta ou daquela forma. Os rótulos, esses sim, acabam impondo uma condição e por isso devem ser evitados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procuramos aqui evidenciar que é fundamental reconhecer a separação entre saber e aprender. Somos fruto de uma sociedade que sabe muito, mas que aprendeu ainda pouco, ao menos nos parece. A forma como lidamos conosco, com os outros e com o planeta é um bom indicativo.

Procuramos debater a necessidade de uma educação fundamentada em valores budistas a partir de três problemas correlacionados: sendo o primeiro, quais as barreiras entre saber e aprender, o segundo diz respeito a reconhecer o que é preciso aprender e por fim, qual a fonte de onde podemos beber a sabedoria para superar os problemas. Procuramos evidenciar que no Budismo podemos não exatamente encontrar uma solução, pois definitivamente não é a proposta, mas sim um possível caminho.

A educação, em um sentido geral é a ferramenta que melhor construímos para formar pessoas, para gerar cultura e para repassar ensinamentos. Mas a educação pode ser mais que isso no

século XXI, ela pode contribuir para nossa autoformação nos ensinando a condição humana e ensinando a viver. Quando colocamos assim parece que a educação vem de fora, quando na verdade ela é principalmente tarefa dos sujeitos estudantes, evidentemente em parceria com os mestres.

Nesse século ainda é importante a condição da cidadania a partir dos nacionalismos visto que ainda temos uma grande e grave disparidade entre as nações. Embora seja urgente fundar as bases para uma cidadania planetária, conforme enunciado por Morin (2000b) como um dos saberes necessários à educação do futuro. Se no caso das nações ser cidadão, ao menos numa democracia, se caracteriza pela responsabilidade em relação ao país, e solidários em relação aos demais cidadãos de seu território compartilhado, o sentimento correlato em relação a cidadania planetária precisa ser estimulado. Neste sentido, o budismo tem muito a compartilhar por meio de sua noção de superação da experiência cíclica.

Como coloca Padma Samten, aos olhos de quem promove guerras e conflitos, não fazer parte dessa experiência é ser bobo. "se dizem isso é porque estão praticando algum tipo de jogo mental e acham que somos bobos porque não jogamos. Quem pratica jogo mental não vai além disso. Pode no máximo ganhar."(SAMTEN, 2001, p.127) E ganhar não é exatamente bom, pois nos mantêm na experiência cíclica.

Superar essa experiência não representa o fim dos conflitos e sofrimentos, mas a superação da flutuação emocional frente as vitórias e as derrotas. "no budismo dizemos que sofrimento e alegria têm a mesma face quando contemplados a partir da natureza última. A natureza última não é corrompida na alegria e não entra em crise no sofrimento". (SAMTEN, 2001, p.107)

Para tanto, a mudança de paradigma começa em cada um de nós, conforme lembra Herrigel ( 2011), devemos recobrar a ingenuidade de quando erramos crianças. No início da vida pensamos sem pensar, somos uma das forças da natureza e nos comportamos como ela, sem muita previsibilidade. A educação tradicional serve ao propósito de homogeneizar comportamentos, tornar o humano previsível.

A forma de educação que aqui debatemos busca justamente despertar essa natureza buda, para usar a linguagem do budismo,

que está em cada um de nós, ainda que esquecida e maculada pelas delusões. Herrigel coloca que a prática do tiro com arco com os objetivos já aqui expressos “trata-se de uma questão de vida e morte, na medida em que é uma luta do arqueiro consigo mesmo”. (2011, p. 23)

De alguma maneira temos essa urgência com a educação ocidental. A educação é uma luta de nós, conosco. Urge mudarmos o rumo da civilização e isso, evidentemente, começa não apenas por todos, mas por cada um em suas práticas cotidianas

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P.(Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**. Joinville, UNIVALLE, 2003. p. 11-38.

COEN. Apresentação. In. HERRIGEL, Eugen. **A arte cavalheiresca do arqueiro zen**. São Paulo: Pensamento, 2011.

DELORS, Jacques (coord.). **Educação: um tesouro a descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez Editora. Brasília: Unesco, 1998.

HERRIGEL, Eugen. **A arte cavalheiresca do arqueiro zen**. São Paulo: Pensamento, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 21a edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000b.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Metodologia Dialética em Sala de Aula, **revista, AEC**, v. 21, no. 83, abr/jun.1994.

SAMTEN, Padma. **Meditando a vida**. São Paulo: Petrópolis, 2001.

SUZUKI. Introdução, In: HERRIGEL, Eugen. **A arte cavalheiresca do arqueiro zen.** São Paulo: Pensamento, 2011.

Bstan-'dzin-rgya-mtsho, Dalai Lama XIV, **A arte da felicidade: um manual para a vida** / de sua santidade o Dalai Lama e Howard C. Cutler: São Paulo: Martins Fontes, 2000.